

CARLOS FELIPE MOISÉS

Ilustrações

MARCELO MARTINS

A deusa da minha rua



5ª edição

6ª tiragem

2014

Conforme a nova ortografia

 **Editora
Saraiva**

Editor: CLÁUDIA ABELING-SZABO

Suplemento de trabalho: LUIZ ANTONIO AGUIAR

Preparação de texto: CARMEM TERESA SIMÕES
COSTA

Edição de arte: NAIR DE MEDEIROS BARBOSA

Supervisão de arte: JOÃO BATISTA RIBEIRO FILHO

Coordenação de revisão: PEDRO CUNHA JR. E LILIAN
SEMENICHIN

Produtor gráfico: ROGÉRIO STRELICIUC

Impressão e acabamento:

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Moisés, Carlos Felipe, 1942-

A deusa da minha rua / Carlos Felipe Moisés ; ilustrações
Marcelo Martins. — 5. ed. — São Paulo : Saraiva, 2005 — (Jabuti)

ISBN 978-85-02-01949-2

ISBN 978-85-02-01950-8 (professor)

1. Literatura infantojuvenil I. Martins, Marcelo. II. Título. III. Série.

97-4250

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantil 028.5
2. Literatura infantojuvenil 028.5



R. Henrique Schaumann, 270
CEP 05413-010 – Pinheiros – São Paulo-SP

SAC

0800-0117875

De 2ª a 6ª, das 8h30 às 19h30

www.editorasaraiva.com.br/contato

SUMÁRIO

Prólogo	5
Primeira parte	8
1. Um coração que bate	9
2. Confidência	13
3. A quermesse	15
4. Rita de Cássia	20
5. Pizza & futebol	27
6. A deusa da minha rua	30
7. Todos por um	35
8. A notícia	37
Segunda parte	40
9. O preço da liberdade	41
10. Outras pessoas	43
11. Surpresa	46
12. Agora é pra valer	49
13. No mesmo barco	52
14. Alguma esperança	56
15. Palpite	60
16. Estrambótico	64
17. O resgate	66
18. Vida de cego	69
19. Castigo	73
20. Cair na real	76
21. O mundo desaba	79
22. Gente com terra	82
Epílogo	86

“Deusa da minha rua” é uma valsa de Jorge Faraj e Newton Teixeira, gravada originalmente por Sylvio Caldas, em 1939, para o selo Odeon.

O autor agradece a Zezo Martelletti pela presteza com que localizou e lhe passou a informação. E agradece também a Fernando, Carmen & amigos, pelas sugestões acertadas que deram.

Prólogo

Escritores levam fama de mentirosos, uma injustiça... Aliás, caso você não se incomode nem um pouco com a má fama dos escritores em geral, nem com a minha em particular, salte este prólogo e vá direto ao primeiro capítulo. Lá é que começa a história.

Uma história inteiramente verídica. Conbeci pessoalmente quase todos os protagonistas, e os que não conbeci é como se tivesse conbecido, quase fui testemunha ocular de alguns episódios. Digo quase, porque não sabia que se tratava de episódios. Quantas vezes nos envolvemos em histórias incríveis, sem ter a menor noção de que se trata de uma história...

Na primeira visita que fiz a Dona Laura, viúva de Juvenal, ela me confiou um grosso caderno que tinha pertencido ao filho deles, Edu. "O senhor vai entender tudo", disse ela.

Só entendi metade. "FÍSICA E MATEMÁTICA, PRIMEIRO COLEGIAL", dizia a etiqueta, na capa, mas isso só valia para as primeiras páginas: horário de aulas, primeiras tarefas, umas fórmulas, o maior capricho! Caligrafia de caderno novo, começo de ano... Daí para a frente, as folbas se enchiam de rabiscos e desenhos, muitos desenhos, quase sempre caricaturas: carros de todos os tipos e tamanhos, bichos, gente, expressões, uma mistura de dar gosto.

Às vezes eu reconbecia um ou outro personagem, às vezes havia uma legenda, um comentário. Aprendi logo a identificar a figura mais constante, Fabiana, sempre em pose de modelo, como se fossem esboços de capa de revista. Num deles isso fica bem claro: Fabiana fazendo pose, olhar viajado, mordiscando a própria língua. Dá para perceber que, depois de pronto o desenho, Edu cobriu-o de rabiscos vigorosos, como se quisesse desfazer o já feito, esculpindo em baixo-relevo, com a

ponta da caneta. Leninba aparece duas vezes. Uma, logo no início, caricatura do grupo todo; outra, perto do final: página inteira, só o rosto, cabelos rebeldes, a expressão ao mesmo tempo doce e firme.

Dona Laura esclareceu alguns pontos obscuros, e eu não sosseguei enquanto não passei tudo a limpo. Fui colher depoimentos de todos os envolvidos, uma trabalhadeira!, mas o resultado aí está: a verdadeira história de Edu, Fabiana e Leninba, orquestrada por Chaminé e, muito tempo depois, anotada por mim.

Cbeguei a pensar simplesmente em transcrever o caderno, intercalando os depoimentos dos demais. (Tenho tudo gravado em fita cassete.) Mas isso não daria uma história, daria um quebra-cabeças gigante, desses que se espalham pela mesa inteira. Da sala de jantar.

Por isso decidi anotar tudo de um jeito simples, a fim de ter uma história com começo, meio e fim, sem nenhuma interferência minha. Aqui é que entra a questão da injustiça que se comete contra os escritores. Explico.

Na vida real, ao relatar um fato, as pessoas não se limitam ao fato em si, vão logo acrescentando a sua interpretação. Você pede a alguém para lhe contar o que aconteceu, a pessoa conta, mas obriga-o a engolir, também, o “verdadeiro” sentido da coisa, que só a dita pessoa sabe qual é — imagine! — só porque participou diretamente ou porque presenciou tudo... Ora, lógico que é exatamente o contrário: só quem não participa, só quem presencia sem saber que está presenciando, é que pode chegar à verdade verdadeira.

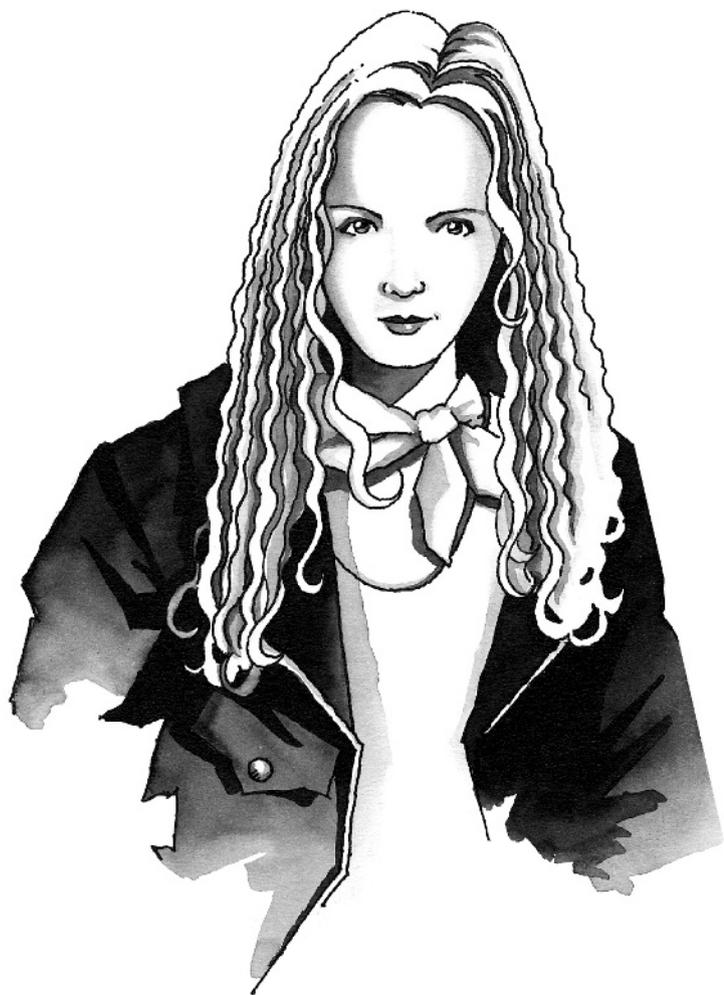
Na vida as coisas parecem sempre fora do lugar, à mercê da fantasia de cada um. Já quando relatamos os fatos de maneira bem organizada, como numa novela, a coisa muda de figura. Tudo se encaixa e passa a fazer sentido.

O que posso garantir é que nesta história não existe nenhuma intromissão do escritor. Eu teria muitos palpites a dar, muitos comentários e interpretações a fazer, mas resisti.

A bem dizer, nada nesta história é de minha autoria, nem mesmo o título. Ah, o título!... É que, certa vez, no bar do Rebolo... Epa! Maldita mania de enveredar por atalhos... Se eu fosse explicar aqui o que o bar do Rebolo tem a ver com o título, acabaria contando a história toda...

Melhor começar do começo.

Primeira parte



Um coração que bate

1

Tinha sido um dia cansativo na oficina. Desde manhã cedo, Edu batalhou no câmbio do Maverick de seu Peixoto, ouvindo as reclamações do próprio, dos outros fregueses e até do pai. “Filho tem que ter *menas* regalia que qualquer um”, Juvenal dizia. O garoto só teve meia hora para o almoço e logo voltou ao trabalho, até seis e meia. Não deu tempo de jantar. Banho rápido, um copo de leite morno, saiu correndo para o colégio. Quase perdeu a primeira aula, dobradinha de física.

No fundo da sala, meio sonolento, estômago vazio, ele espiou o relógio pela décima vez. Mais quinze minutos, intervalo. “Vai dar pra comer alguma coisa na cantina”, pensou.

Dona Zuleide anotou o exercício na lousa, mandou copiar e resolver na hora. Ia recolher, valia para a nota do bimestre.

Edu copiou:

*Qual a potência de um coração que bate 70 vezes por minuto e bombeia 73 cm^3 de sangue em cada batida, contra uma pressão de 12 cm de mercúrio?
[Densidade do mercúrio = $13,6 \text{ g/cm}^3$; $g = 9,81 \text{ m/s}^2$]*

Depois ficou olhando a folha em branco... *A potência de um coração que bate.*

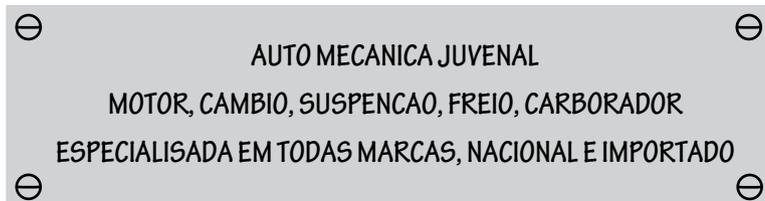
Bem que os amigos tinham avisado: “Colegial noturno não é moleza, meu! Eles não querem saber se você trabalha o dia inteiro, se não tem tempo de estudar, preparar lição. Só vão dando matéria, sem parar”. Edu queria fazer o curso de mecânica na Continental, escolinha pequena, ali na praça, mas os pais foram contra: “Nada disso! Vai fazer colegial, no Estado. Depois uma boa faculdade. Economia e administração, engenharia, quem sabe...”.

“O Giba é que é feliz”, pensou, “na Continental, fazendo desenho técnico... Por que minha mãe é tão amiga da mãe da Leninha?” Dona Míriam, mãe de Leninha, insistia o tempo todo em que a filha devia fazer o colegial. Dona Laura dava todo o apoio...

Quando Edu mencionava a sorte do amigo Giba, a mãe rebatia com o caso de Leninha. “Ela também é tua amiga, não é?” Não adiantou insistir. No começo do ano dona Laura apareceu com o comprovante da matrícula. “Meu filho, a partir de fevereiro você começa a cursar o primeiro colegial. No Estado.” Edu tinha olhado meio sem jeito para o pai, à espera de um socorro de última hora. O velho se limitou a dizer: “É pro teu bem, filho”.

Um coração que bombeia... A densidade do mercúrio... O que ele gostava mesmo era de lidar com os carros na oficina do pai. *73 cm³ de sangue em cada batida.* Olhou de novo o relógio. O intervalo parecia cada vez mais longe. O pensamento, mais longe ainda.

De repente, lembrou-se do dia em que reparou, pela primeira vez, na placa pendurada na entrada do galpão, dois ou três anos atrás:



Depois de umas consultas ao dicionário, ele corrigiu todos os erros e mostrou ao pai, do alto dos seus treze anos, como achava que devia ser, numa reluzente folha de cartolina.

Juvenal ficou feliz. “Nada como ter um filho instruído.” Edu foi encarregado de confeccionar a nova placa e se empenhou com entusiasmo na tarefa. Resolveu incrementar desenhando um carrão esporte importado, um Mustang cor de sangue, que ele copiou de uma revista.

A placa passou a enfeitar a entrada da oficina, onde ele se tornou, aos catorze anos, “auxiliar geral”, logo depois “segundo